



O Rabino (*Ha'rabi*)

Meir Dizengoff¹

A

O homem que mais me influenciou de todas as pessoas que conheci em meu caminho ao longo da adolescência, e que deixaram sua marca em minha vida mesmo depois desse período, foi, sem dúvida, o rabino Rephael de Bershad,² ou simplesmente como era chamado por todos, "o Rebe". Ele era alto, magro, com uma pequena barba, seus cachos laterais eram curtos e seu cabelo era preto como um corvo. Seus olhos negros eram penetrantes e seu olhar triste, seu rosto era o de um homem sonhador imerso em pensamentos. O rabino Rephael vestia-se à maneira dos *hassídicos*³ daquela época, e era muito meticuloso e disciplinado, as calças brancas dobradas dentro das meias, os sapatos pretos polidos, a camisa branca bem passada e, por cima de tudo, um longo capote preto e o tradicional chapéu preto. Nunca se viu uma mancha ou um rasgo nas roupas de Rebe Rephael e nunca faltou um botão em suas vestes.

E assim como era cuidadoso e meticuloso em sua aparência, também zelava pela moral e pela espiritualidade, seguindo as leis e preceitos sob os quais se guiava. A marca que mais evidenciava seu caráter era sua aversão pela falsidade. Um homem que zela pelo respeito, jamais poderia mentir, pois se assim ou fizesse, estaria contaminando sua alma, ou seria como se tivesse comido carniça ou a carne de uma presa. Ele afirmava que os sábios e seus discípulos, assim como os justos, para os quais em verdade este mundo foi criado, devem servir de modelo para os jovens, pois depois deverão prestar contas ao Todo Poderoso pela condição moral de sua geração. É por isso que devem se destacar pelo cumprimento dos mandamentos, entre os quais se destaca a proibição de mentir.

Com essas palavras, era fácil entender qual era sua visão sobre a ordem do mundo, assim como, sobre a composição da sociedade. Para ele, as pessoas deste mundo se dividiam em duas partes: aqueles que fazem o trabalho físico e os sábios, ou seja, os rabinos, os professores, os justos e todos os estudiosos da *Torá*, que se envolviam no trabalho espiritual e moral, educando as pessoas no espírito dos preceitos. Porém, essa

¹ Meir Dizengoff (1861-1936) nascido na Bessarábia, hoje parte da República da Moldávia, foi um importante ativista sionista. Tornou-se mais conhecido por ter sido o primeiro prefeito da cidade de Tel Aviv, entre 1911 e 1936. O conto aqui apresentado foi publicado em 1935.

² Bershad: Pequena cidade na atual Ucrânia.

³ Hassídicos: Seguidores do movimento surgido no judaísmo ortodoxo no século XVIII que promove a espiritualidade por intermédio da popularização e internalização do misticismo judaico, como um aspecto fundamental da sua fé.



divisão entre os "sacerdotes" e o "povo" não delimitava nenhuma área entre um grupo e o outro, pois qualquer pessoa de Israel podia se tornar um estudante sábio, o que evidenciava que não havia nenhuma diferenciação por antemão para aqueles que se encontravam no alto da escala social em detrimento dos outros. Pelo contrário, aqueles a quem Rebe Rephael chamava de "os líderes da geração", deviam se contentar com pouco, viver uma vida de pobreza e austeridade e, ainda, tinham o dever de cuidar do aperfeiçoamento do cumprimento dos preceitos por todos os cantos.

O próprio Rebe Rephael contentava-se com pouco e nunca se permitiu ostentar qualquer luxo. Nos dias da semana ele não comia carne e não bebia nenhuma bebida alcoólica. Apenas aos sábados e nos feriados se permitia comer carne e peixes e beber um pouco de vinho, a fim de poder observar o mandamento da celebração do *Shabbat* e dos dias festivos, pois como todos sabem, não há refeição festiva sem carne e sem vinho.

Rebe Rephael acreditava que a providência divina guiava todos os passos humanos. Se você lhe perguntasse, por exemplo, se ele iria viajar para uma determinada cidade, ele costumava responder: "Tudo depende da vontade de quem criou o mundo. Se o cocheiro vier e me oferecer um lugar livre em sua carroça, é porque este é um sinal de que o Santo, Bendito seja Ele, quis que eu viajasse. Mas não havendo uma vaga, e se o cocheiro não vier, esse é o sinal de que Deus não deseja que eu viaje".

Rebe Rephael era conhecido em toda a região como um professor e educador do mais alto nível, muito respeitado pela comunidade dos rabinos, dos *hassídicos* e dos homens pios daquela geração. Ao mesmo tempo, era um homem malsucedido no sentido material, pois foi muito pobre ao longo de toda sua vida e sua família apenas conheceu a escassez e a pobreza. Quando meu pai, que sua memória seja abençoada, se dirigiu desde a capital da Bessarábia com a proposta de que ele fosse morar em nossa casa, no vilarejo, para poder proporcionar uma vida melhor a seus dois filhos, o Rebe Rephael aceitou a proposta e disse: "Já que o senhor veio até aqui com esta proposta para me levar até o vilarejo, este é um sinal da Providência Divina e, por isso, eu viajarei consigo. Mas se eu encontrar alunos e condições que não forem do meu agrado, então deixarei o vilarejo e voltarei ao meu sofrimento na cidade".

Minha falecida mãe de abençoada memória, que era também a filha de um rabino, tratava o Rebe Rephael com reverência e cuidava de tudo o que ele precisava. Ela acondicionou em nossa casa um quarto especial com todas as comodidades, ela arrumava todas as suas roupas e as dos filhos, e enviava às escondidas para sua esposa, toda série de mantimentos como batatas, ovos e farinha. Ela também dizia: "Nós entregamos as almas de nossos filhos nas mãos desse santo homem e, por isso, devemos ao menos cuidar da condição material de sua família".



A única recompensa que minha mãe aceitava receber do rabino pela sua preocupação com ele e com sua família eram as aulas de *Pirkei Avot*, o estudo do Tratado da Ética dos Pais. Todos os sábados à tarde, Rebe Rephael lia para nós uma porção de *Pirkei Avot* acompanhada com amplas explicações sobre o lado moral da vida humana e dos deveres que devem ser seguidos, e minha mãe permanecia sentada na sala ao lado para ouvir suas palavras. Não me lembro de uma expressão tão feliz como a que cobria a face de minha mãe nesses momentos.

Por outro lado, nós, seus alunos, seguíamos diariamente uma rotina preestabelecida e que era a seguinte: todas as manhãs após o banho, meu irmão e eu íamos até à sala de aula do Rebe e então a jornada se iniciava: inicialmente as orações, depois o estudo do *Talmud*⁴ até o horário do almoço, e depois o estudo das codificações rabínicas até o anoitecer. E intercalados entre os estudos, as orações *Minchá* e *Arvit*.⁵ O método de instrução do Rebe Rephael era conciliar as orações com o estudo do *Talmud*, e usar esses dois meios para purificar o coração dos discípulos a fim de elevá-los na prática da moralidade e das boas ações.

Os "opponentes ao *hassidismo*" – dizia o Rebe – amam o estudo e nele se aprofundam, como um objetivo em si mesmo, independentemente do entusiasmo que o estudo possa despertar, tanto no coração do mestre como dos discípulos. Já nós, os *hassídicos*, não temos nenhum propósito em formar eruditos, queremos apenas criar uma geração de judeus que acreditam no Deus Supremo e se tornam seus admiradores, e todas as nossas aspirações são de nos aproximar da pureza de suas almas e agir como o Criador, Bendito seja Ele. E assim como Ele é misericordioso e faz bondades com todas as suas criaturas, assim devemos nós agir, amando o povo e tratando a todos como irmãos. A oração e o estudo do *Talmud* permitem desvencilhar a alma de todas as amarras materiais de quem aspira se aproximar do Todo-Poderoso, e de quem anseia pela plenitude do espírito humano.

Rebe Rephael tinha como hábito orar muito e começar o estudo da *Torá* antes mesmo de finalizar as orações. Assim, todas as manhãs, após finalizar a oração *Shmonê Esrê*, pegávamos os livros de estudo e começávamos a nos debruçar nos livros dos profetas enquanto o *tefilin*⁶ estava ainda amarrado em nossas cabeças, e o rabino Rephael

⁴ *Talmud*: coleção de escritos religiosos que cobrem toda a gama de leis e tradições judaicas, compiladas e editadas entre os séculos II e o VI da Era Comum em Israel e na Babilônia.

⁵ *Minchá* e *Arvit*: a primeira é a oração da tarde e a segunda é a oração da noite.

⁶ *Tefilin*: Objeto do ritual religioso judaico. Consiste em duas pequenas caixas quadradas de couro que são amarradas à cabeça e ao braço. Devem formar um quadrado perfeito e as tiras de couro devem ser pintadas de preto. Dentro de cada caixa encontram-se escritos em pergaminho quatro parágrafos da *Torá*.



também estava embrulhado ainda em seu *talit*.⁷ Certa vez, ele me disse que não conhecia uma imagem mais bonita do que a dos judeus orando e estudando a *Torá*, e se todos os nossos irmãos fizessem isso, certamente o Messias, filho de David já teria vindo. Então eu imaginava o Senhor do Universo com a imagem de um bondoso avô, sentado no céu sobre uma cadeira de fogo, e ao redor dele muitos anjos desejando ouvir suas palavras, e Ele olhando para mim, para um menino judeu que orava e estudava a fim de unir as centelhas das almas puras. Ele me olhava com compaixão e dizia: "Então, meu filho, estude e terá sucesso!". E eu ficava feliz naqueles dias e me regozijava dizendo a mim mesmo: – "Bem-aventurado o povo que assim se entrega ao Criador!".

Dentre os meios de persuasão que Rebe Raphael usava em seu percurso pedagógico, era possível contar também seu combate no que se referia à alimentação. Antes das refeições ele intensificava as orações e os estudos, para nos acostumar a não sermos tão gulosos em relação aos alimentos e refeições. Ele costumava indagar: "Ao ser humano é ordenado a se alimentar para manter a saúde do corpo e da mente, a fim de realizar todos os labores e, ainda, para louvar a obra do Criador. Mas Deus não permite que se faça um culto à alimentação. E se o homem for viver oitenta anos sobre a terra e comer milhares de pães em todos esses dias, será este, em definitivo, o propósito de sua vida?".

Aconteceu uma vez numa sexta-feira de manhã, em que minha mãe não resistiu mais, então ela invadiu a sala e disse ao Rabino Raphael: – "Rabino, as crianças não comeram nada hoje, e já é tarde; talvez tenha chegado a hora de parar de estudar um pouco?" – então ela pôs sobre a mesa pães trançados e quentes recém-saídos do forno e carne assada, e nós, as crianças famintas, olhamos para a refeição e nossas almas quase desfaleceram de tanta fome. Rebe Raphael tranquilizou nossa mãe dizendo: "Em breve terminaremos o capítulo e nos sentaremos a comer; o alimento espiritual precede o alimento material". E para nós, os alunos, ele disse: "Seus olhos estão fixos nestes pratos, mas por acaso vocês sabem de onde tudo isto veio?". Então ele começou a explicar a origem da carne, e a diferença entre a carne e outros alimentos que provém da natureza. Nesse ínterim, a comida esfriou, mesmo assim, todos acabamos nos deliciando e comemos pão e abobrinhas juntos.

B

E assim os dias foram passando enquanto estávamos cada vez mais imersos no estudo da história do nosso povo segundo os profetas, e no estudo das leis segundo os exegetas, e nossa vida tornou-se cheia de interesse e trabalho. Eu estava apegado ao Rebe com todo meu coração. Eu, sedento, bebia suas palavras e gostava de fazer-lhe

⁷ *Talit*: Manto ou xale judaico para uso em oração ou rezas.



perguntas sobre recompensa e castigo, e sobre a imortalidade da alma e coisas do gênero, e ele gostava de falar comigo longamente e contar sobre os dez mártires mortos pela Santificação do nome do Eterno, e sobre os trinta e seis justos, graças aos quais o mundo se sustenta, e sobre mais e mais assuntos.

Tudo corria normalmente e todos nós – meus pais, o Rebe e os alunos – vivíamos muito satisfeitos, e ninguém poderia imaginar que algo aconteceria, e que haveria de perturbar nossa vida. Mas eis que aconteceu. A aldeia na qual meu falecido pai administrava sua fazenda pertencia a um dos nobres da Rússia, e este nobre tinha um único filho, Volodya, que era da minha idade. Desde o início da nossa infância nos tornamos amigos, Volodya e eu, e brincávamos todos os dias. Às vezes, entrávamos furtivamente nos estábulos da fazenda e montávamos os cavalos em segredo, sem que nossos pais soubessem. Em todos os aniversários, minha família insistia em convidar o meu amigo Volodya para a refeição festiva, e na noite de *Pessach*,⁸ o meu amigo sentava-se ao meu lado e olhava para a *Hagadá*,⁹ tal como um galo que fica observando os humanos.

Aconteceu que o rabino Rephael veio a nossa casa no início do inverno. Nessa época, Volodya encontrava-se na capital onde estudava no ginásio local. Mas assim que chegou o verão, meu amigo chegou na aldeia para aproveitar as férias, e era claro que ambos queríamos retomar nossos jogos e aventuras como sempre fazíamos. Muitas vezes eu saía furtivamente do *heder*¹⁰ ou de casa, para encontrar meu amigo nos estábulos ou no campo para ver o trabalho dos ceifeiros e da debulhadora. Às vezes, eu demorava horas. Numa ocasião, o Rebe ficou muito chateado, então ele foi e contou tudo aos meus pais. Então eu exigí que meus pais me dessem um pouco de liberdade também, assim como era dada a Volodya depois das aulas de inverno, mas o Rabino Rephael fechou os ouvidos a esta solicitação de redução do horário escolar, e deixou uma escolha nas mãos dos meus pais: ou Volodya, ou ele, o rabino. Ele ainda disse a meus pais: “Seu filho Meir está destinado a ser um rabino e um grande sábio em Israel. Se vocês conseguissem entender as perguntas que ele faz durante os estudos, e se

⁸ *Pessach*: a Páscoa judaica, na qual se celebra a libertação dos judeus do Egito.

⁹ *Hagadá*: livro de narrativas que é lido na noite da celebração da Páscoa.

¹⁰ *Heder*: Sala de estudo.



vissem como ele debate a respeito do *Shulchan Aruch*,¹¹ da *Mishná*¹² e da *Gemará*¹³ haveriam de entender que cada momento que tirarmos dos seus estudos, estaremos prejudicando o futuro de Meir e da posição à qual ele poderá chegar a ser um dia, ou seja, um dos grandes de Israel, se Deus quiser.

Mas a situação complicou-se ainda mais pelo fato de que o próprio nobre da aldeia trazia às vezes seu filho para nossa casa, para que nós ríssemos juntos, e meus pais não podiam dizer que eu estava ocupado estudando com o Rebe.

Para nossa sorte, ocorreu um incidente que não prevíamos e que nos tirou do constrangimento. O nobre decidiu repentinamente se mudar para o exterior e levou seu único filho com ele. Assim, todos meus encontros e escapulidas foram interrompidas automaticamente e tudo pareceu estar de volta aos trilhos. Mas o leve rancor contra o Rebe permanecia em meu coração, por cruelmente me roubar cada momento livre e cada oportunidade de uma cavalgada ou de um jogo. Ocasionalmente, eu evitava a sala de estudos e me dedicava exclusivamente às mesmas diversões que Volodya e eu fazíamos juntos.

O rabino Rephael não pode mais tolerar as interrupções nos estudos e exigiu que meus pais instituíssem uma nova ordem no meu programa de aprendizado e de vida. Meus pais decidiram então que eu ficaria confinado todos os dias da semana no *heder*, local no qual eu passaria a estudar, a comer e a dormir. Esse novo regime tirou de mim qualquer possibilidade de liberdade, tanto do Rebe como do ambiente da *yeshivá*¹⁴ (nós também chamávamos o *heder* de *yeshivá*). A partir daquele dia, eu não tinha mais sequer um momento livre, algo que me deixou com raiva sem limites. E assim como amei o Rabino Rephael pela primeira vez, passei a odiá-lo devido às novas determinações. Desde esse momento, eu não perdia uma oportunidade de provocá-lo por ele ser o responsável pela perda de todas as diversões da minha vida.

A única maneira de aborrecer o Rebe Rephael e mostrar-lhe meu descontentamento e ira em relação a ele como professor era por meio de perguntas e discussões que eu

¹¹ *Shulchan Aruch*: livro composto pelo rabino Yossef Caro, que viveu no século XVI. Esse livro é considerado a obra codificadora de referência da lei religiosa judaica, a *halachá*.

¹² *Mishná*: Uma das principais obras do judaísmo rabínico e a primeira grande redação da tradição oral judaica, a chamada Torá Oral. Essa obra foi concluída em Israel pelo rabino Yehudá Ha-Nassi, no ano 200 da E. C.

¹³ *Guemará*: Parte do *Talmud* que contém os comentários e análises rabínicas a respeito da *Mishná*.

¹⁴ *Yeshivá*: Local onde judeus se reúnem para estudar a *Torá* e as tradições rabínicas. Originalmente referia-se a uma academia para alunos avançados.



incentivava durante o horário escolar. Cada vez que chegávamos a um assunto difícil no estudo do *Talmud*, eu atrasava propositalmente a leitura e afirmava não concordar de forma alguma com suas explicações, e mesmo diante de todos os comentários que o Rebe apresentava, eu trazia inúmeras evidências e outros argumentos, tanto da *Gemará* como da *Mishná*, e desta forma, as discussões estendiam-se por horas, o que impedia que os estudos avançassem.

Rebe Rephael percebeu meu descontentamento e decidiu expor sua opinião numa conversa reservada. Um dia, ele interrompeu as aulas uma hora antes do final do dia, me convidando para uma curta caminhada fora da aldeia, e lá, no bosque, enquanto estávamos sentados ao lado de uma fogueira, me disse, todo empolgado, estas palavras: “Meir, meu filho, você provavelmente está pensando que sou teu inimigo e até está com raiva de mim. Mas saiba que eu te amo como a um filho. Fico feliz por ter sido agraciado com a benção de poder guiar os primeiros passos de tua vida, e acredito que você está destinado a ser um homem importante no povo de Israel, grande conhecedor da *Torá*, grande em sabedoria e reverência. Se exijo que você dedique todas as tuas horas ao estudo e à preparação para o teu futuro, saiba, pois, que o faço apenas para o teu benefício, pois cada momento desperdiçado em besteiras nos afasta do objetivo que aspiramos alcançar”.

O rabino Rephael ficou tão comovido que teve que interromper a conversa porque as lágrimas pareceram sufocá-lo e ele não conseguiu mais falar. Eu o acalmei o máximo que pude, e lhe prometi que não iria mais provocá-lo e incomodá-lo, que desse instante em diante, seria um bom aluno que escuta a sua voz de seu mestre. Naquele momento, eu realmente decidi desistir de todas as brincadeiras infantis e me dedicar inteiramente à *Torá* e ao trabalho, porque as palavras do Rebe tocaram meu coração. Mas, no fundo da minha alma, ficou um certo ressentimento, porque senti que uma mão forte me compelia a sacrificar os momentos que eram mais agradáveis para mim, em nome de algum futuro, distante, obscuro e vago. Tanto o Rebe quanto eu acreditamos que todos os obstáculos haviam sido removidos e que nossa rotina de vida e trabalho voltariam ao normal. Mas, o aparente idílio não durou mais do que alguns dias.

Foi na noite de *TishaBe’Av*,¹⁵ depois que terminamos de recitar as *Lamentações*, que meu irmão foi para casa porque não se sentia bem, e eu fiquei sozinho com o Rebe. O rabino Rephael estava muito deprimido, parecia imerso num mar de tristeza e arrependimento, como se um desastre particular tivesse lhe ocorrido. De repente, ele começou a me contar histórias a respeito da destruição do Templo conforme o *Midrash*,

¹⁵ *TishaBe’Av*: O judaísmo tem como sua data mais triste e marcante, a trágica destruição dos dois Templos, ocorridos em 9 de *Av*, chamado em hebraico de *TisháBe’Av*. O primeiro Templo foi destruído pela Babilônia em 586 a.E.C. enquanto o segundo Templo foi destruído pelos romanos no ano 70 da E.C.



sobre os sete filhos, que foram mortos pela Santificação do Nome de Deus, sobre os justos que deram a vida pelo Deus único, sobre mártires e conversos judeus-espanhóis, que foram queimados vivos por sua religião e fé.

Todas essas imagens que o Rebe descreveu em cores brilhantes, com sua alma em profunda excitação, apareceram diante de minha mente na quietude da noite, e minha alma se compadeceu dos santos e mártires e, especialmente, dos sete filhos que escolheram morrer, para não profanar sua religião. Fiquei profundamente abalado, todos os meus sentidos estavam exaustos e quase desmaiei. Rebe Rephael percebeu meu estado e decidiu parar com seus relatos e ir se deitar, mas antes disso ele também me conduziu até minha cama. Esforcei-me para adormecer, mas não consegui porque os pesadelos não cessaram de me atormentar e meu coração se exaltava diante de cada visão que eu imaginava ouvir ou ver.

E no meio daquela noite, Rebe Rephael levantou-se lentamente de sua cama, colocou cinzas sobre a cabeça e sentou-se no chão em sinal de luto. Eu fingi estar dormindo para não o incomodar, mas por debaixo do cobertor observei tudo o que acontecia ao meu redor e nunca mais consegui apagar da memória a imagem que vira naquela noite. No pequeno quarto dominado pela escuridão da noite, havia apenas uma vela que iluminava o lugar onde se encontrava o Rabino Rephael. Sentado no chão estava um dos descendentes daqueles mártires, e ele estava ali, chorando e uivando, estendendo suas mãos para o céu, clamando sinais e exigindo ao Senhor dos Céus para reconstruir Sua Casa e redimir seu povo do cativeiro. A princípio, a oração se deu numa voz silenciosa e sutil, um clamor embargado. Suspiros profundos irrompiam de sua boca apenas ocasionalmente. Mas depois, aparentemente, o Rebe se esqueceu de seu discípulo, se esqueceu do mundo e começou a gritar com fervoroso clamor: “Ouviu-se em Ramá um clamor de lamento e choro amargo; era Rachel chorando por seus filhos. Ela recusou-se a se deixar consolar”.¹⁶ Depois destes gritos, Rebe Rephael não conseguiu mais se conter e irrompeu em lágrimas. Eu também não consegui conter minha excitação e explodi igualmente em lágrimas como uma criança que procura pela sua mãe e comecei a gritar com medo: “Nossa mãe Rachel!”.

Ao perceber a minha presença e meus gritos de desespero, Rebe Rephael ficou assustado, ele aproximou-se, sentou-se ao lado da minha cama e tentou me tranquilizar. Mas foi tudo em vão. Um suor frio cobria minha testa, eu estava tremendo e minha cabeça doía até que acabei desmaiando. No dia seguinte, meus pais

¹⁶ Profecia de consolo aos filhos de Israel conforme aparece em *Jeremias* 31:14-15. Rachel nesta lamentação refere-se à quarta matriarca do período bíblico, a qual tenta consolar o povo diante da iminente destruição de Jerusalém e do primeiro Templo pelas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia, que deportou os judeus para o exílio em 586 a. E. C.



apareceram e me levaram dali para casa, me colocaram na cama e chamaram o médico de uma cidade próxima. Minha temperatura não parava de aumentar e eu não cessava de falar sobre o Monte Horeb e sobre Rachel, nossa matriarca. Logo ficou claro que eu estava com febre tifoide. E assim fiquei deitado na cama por mais de dois meses. O rabino Rephael saiu de nossa casa imediatamente depois que adoeci e nunca mais voltei a vê-lo. Porém, eu fiquei sabendo que alguns meses após ter deixado nossa casa, morreu subitamente na grande cidade próxima a nossa aldeia.

Hoje, já adulto, ao evocar a memória desta notável personalidade, inclino a cabeça diante do meu mestre e rabino – aquele que se tornou um símbolo para mim. Hoje, eu carrego no coração a ideia da autodeterminação nacional e dedico toda minha vida à realização deste sonho. Certamente há entre nós muitos que batalham pelo renascimento e pela ressurreição nacional e, por isso, sou grato a esta geração. Mas nunca poderei esquecer de um mestre e educador tão devotado, que plantou em mim o amor pelos estudos e pelo conhecimento, como foi o Rabino Rephael de Bershad.

Tradução: Gabriel Steinberg**

Referência

DIZENGOFF, Meir. *Ha'rabi* (O rabino) *Project Ben Yehuda*. Disponível em: <https://benyehuda.org/read/8096>. Acesso em: 6 jun. 2021.

Recebido em: 23/07/2022.

Aprovado em: 28/08/2022.

** Professor no Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.